

A FILOSOFIA DA ARTE COMO IMPRESSÃO DO SER HUMANO

Wcleverson Batista Silva (UEMS)

prof.wcleverson@gmail.com

Luiz Fernando Medeiros (UEMS)

RESUMO

O presente artigo busca trazer à tona o que a filosofia e a arte têm em comum no campo do conhecimento. Já de imediato podemos identificar que ambas têm em comum a característica de não gerar conhecimentos ou objetos capazes de favorecer prontamente os interesses humanos. A importância dessas é indireta, quase imperceptível; trata-se de modificar nosso olhar sobre o real, aprendendo a reconhecer que as coisas não foram antes do mesmo jeito que são agora e não precisam continuar a ser tal como têm sido até então. A filosofia e a arte desconfiam do mundo tal como conhecemos, preparando o terreno para a construção de outros mundos. Há também aqui uma tentativa de compreender a arte como uma forma de conhecimento sob a perspectiva filosófica platônica e aristotélica. Platão não condena as artes enquanto artes; o seu gosto conscientemente arcaizante leva-o a condenar o ilusionismo da arte revolucionária de sua época, na qual ele vê uma concepção estritamente humanista, relativista, próxima dos sofistas. A poesia aristotélica seria até mesmo mais filosófica do que a história, pois se essa última fala de fatos particulares e específicos, dentro de um recorte temporal, a poesia e sua arte pode abranger aspectos mais universais, que falam a todos os seres humanos. Além disso, para Aristóteles, a arte em geral tem em sua origem uma tendência à imitação, especialmente entre os gregos da antiguidade, os romanos e os artistas e escritores do Renascimento. Partindo desse princípio, imitar, é sem dúvida um aspecto do desejo de conhecer.

Palavras-chave: Arte. Filosofia. Linguagem. Estética.

1. Introdução

Do mesmo modo que a meta de todo artista é tornar real o impossível, ao criar e recriar mundos através de cores e sons, o escritor dá vida às palavras e o filósofo busca explicar o inexplicável. Todo esse processo gera o fenômeno do conhecimento e nada disso é feito de maneira unilateral e isoladamente. Por isso ao estudar filosofia nossa proposta é de dialogar abertamente com a literatura e com a arte em sua grandiosa extensão. Na filosofia é fundamental certa dose de improviso e de ousadia, às

vezes até de rebeldia, na medida em que os pensamentos dos filósofos não estão aí para serem meramente repetido, mas “usurpados” e reapropriados de forma inventiva.

A depreciação platônica da arte fundamenta-se na suposição de que a arte é sempre imitação (mimesis). Para Platão, a obra do artista não é apenas uma reprodução, mas algo inferior e inadequado tanto em relação aos objetos como às ideias que os pressupõem. (PLATÃO, *A República*)

Ao longo da escrita que segue, recordamos a tradicional desconfiança dos filósofos em relação à arte e aos artistas. Tendo como intuito maior de relacionar a arte com a filosofia como questões pertinentes do mundo contemporâneo. A arte de certo modo pode ser irredutível à linguagem e aos conceitos, já a filosofia da arte pode nascer porque a própria experiência estética se torna relativa e problemática. Aqui a própria arte encarrega de se fazer explodir, no tempo e no espaço, toda e qualquer definição sólida do belo. A filosofia da arte não está na cabeça do filósofo, ela é reclamada pela história, na verdade bem recente, da definição das belas artes e do prazer estético, ou seja, sensível e subjetivo, que uma obra de arte pode suscitar.

A arte é a impressão do ser humano em relação ao mundo, quando estudamos e refletimos sobre essa impressão, ou seja, quando admiramos e pensamos sobre uma obra de arte, estamos conhecendo mais a respeito do ser humano. A arte é uma ferramenta de conhecimento sobre nós mesmos. Ao aprendermos sobre a arte e o que ela expressa, passamos a compreender o próprio ser humano.

A reflexão aristotélica elaborada aqui sobre a arte tem como mérito de responder às principais críticas levantadas por Platão. Mas, às vezes, as tentativas de salvamento implicam um preço a pagar, que pode igualmente ser prejudicial. Surge a questão se a arte tem sempre que cumprir uma função edificante, como parece sugerir Aristóteles. Da Antiguidade à Idade Moderna, as obras de arte sempre foram usadas como suporte de mensagens políticas, religiosas, ideológicas.

Já a arte do século XX não tem nenhum compromisso em imitar a realidade, em traduzir simbolicamente alguma sabedoria, nem mesmo em provocar prazer ou a satisfação. A estética sob o aspecto de mera “ciência da sensibilidade” chega ao seu fim no século XX e é progressivamente substituída por um discurso que conjuga racionalmente e afetividade de forma mais radical.

2. *Filosofia: arte de criar conceitos*

A filosofia tem em comum com a arte a característica de não gerar conhecimentos ou objetos capazes de favorecer imediatamente os interesses humanos. A importância dessas é indireta, quase imperceptível; trata-se de modificar nosso olhar sobre o real, aprendendo a reconhecer que as coisas não foram antes do mesmo jeito que são agora e não precisam continuar a ser tal como têm sido até então. A filosofia e a arte desconfiam do mundo tal como conhecemos, preparando o terreno para a construção de outros mundos.

O filósofo francês Gilles Deleuze⁴⁰ em uma palestra com intitulção *O Ato de Criação*⁴¹ (1987) para estudante de cinema sugere uma perspectiva inusitada da filosofia, enquanto “arte de criar conceito”. A definição apresentada pelo filósofo francês traz duas importantes consequências: primeira, que a atividade criativa não é uma propriedade exclusiva dos artistas ou dos profissionais de propaganda e marketing; e segunda, que os conceitos não estão prontos e acabados em um “céu de conceitos”, esperando para serem observados, contemplados ou elucidados. O conceito, como nos lembra Gilles Deleuze podem ser invisíveis, mas não são transcendentais, como se estivessem para além de toda experiência humana. Os conceitos têm história, se encarnam e se efetivam nos corpos. Eles não são verdades absolutas e eternas, mas estratégias do pensamento para lidar com problemas e questões.

Analogicamente, o olhar de admiração do filósofo e do artista é parecido com o olhar infantil, não se trata de uma visão de raios X, capaz de penetrar os mais sólidos obstáculos, mas de um olhar espontâneo e irreverente. O modo infantil de olhar está apto a enxergar o que todos podem ver, mas não conseguem por causa do hábito, do medo ou da preguiça. Podemos dizer que infelizmente o olhar de admiração está em processo de extinção – deixamos de nos surpreender com a morte e a violência, algo que antes era inimaginável e absurdo. Aqui a miséria das gran-

⁴⁰ O pensamento de Gilles Deleuze (1925-1995) insere-se na chamada “filosofia da diferença”, junto à Friedrich Nietzsche, Heidegger, Derrida, Foucault, entre outros. Ou seja, como uma crítica ao pensamento que sempre reduz o outro ao mesmo, a diferença à identidade. Gilles Deleuze renovou as interpretações da história da filosofia em obras tais como *Nietzsche e a Filosofia* (1962) e *Espinoza-Filosofia Prática* (1981). É autor também de diversos estudos não convencionais sobre literatura, pintura e cinema.

⁴¹ <<http://filosofiaemvideo.com.br/conferencia-gilles-deleuze-o-que-e-o-ato-de-criacao-legendas-em-portugues>>. Acesso em: 26-09-2017.

des cidades, por exemplo, tende a se tornar banal através da sua superexposição pela TV, pela internet, pelos jornais e outros meios de comunicação. Contra a banalização do real, a arte e a filosofia surge como uma oportunidade de ressensibilização do nosso olhar, anestesiado por belas ilusões. (FEITOSA, 2009)

Somente quando praticamos um olhar não violento sobre as coisas, sem forçar classificações ou inter-relações, deixando elas serem o que são, é que o real pode se mostrar em toda sua complexidade e beleza. O olhar filosófico e artístico é lento, não tem pressa de chegar a lugar algum, pois sabe que é essencial atear-se aos detalhes.

Uma das virtudes da arte consiste em não respeitar a divisão estrita entre o sonho e o real. No Brasil, a literária Clarice Lispector costumava definir sua literatura como uma espécie de *linguagem sonâmbula*, uma escrita livre da obrigação de fazer sentido, mas que não deixava de ser expressão ou comunicação de experiências. A escrita sonâmbula exige que o leitor tenha coragem de abandonar suas certezas em relação à fronteira entre o que é verdadeiro e o que é ficcional.

Geralmente, encaramos a arte como elemento agradável aos cinco sentidos (tato, olfato, visão, paladar e audição). Entretanto, arte também pode ser uma ferramenta de conhecimento. Em primeiro lugar, ela nos abre o campo de possibilidade para o que poderia ser. Assim, as cores brilhantes da obra de arte não apenas copiam as cores do mundo, mas mostram como essas cores podem ser diferentes, talvez mais intensa ou com tons especiais. As tintas e suas cores são como os olhos humanos enxergam o mundo.

A arte é a impressão do ser humano em relação ao mundo, quando estudamos e refletimos sobre essa impressão, ou seja, quando admiramos e pensamos sobre uma obra de arte, estamos conhecendo mais a respeito do ser humano. A arte é uma ferramenta de conhecimento sobre nós mesmos. Ao aprendermos sobre a arte e o que ela expressa, passamos a compreender o próprio ser humano.

É importante salientar que o entretenimento proporcionado pela arte tem seu valor, mas não é o único modo pelo qual ela se relaciona conosco. E qual seria o outro modo? A arte pode representar a natureza, retratá-la muito próxima da realidade, mas, ainda assim, notamos que a arte não é natureza. O poder da arte vem do fato de ela poder criar algo que não existe. Deste modo, ao dar forma a coisas que não existem, a arte trata de coisas reais.

Já ouvimos em certas ocasiões que o artista mente para dizer a verdade. E talvez seja de fato isso mesmo. A arte cria algo novo para nos dizer como esse algo poderia ser. Desse modo, o poder da arte não está na mera cópia do real ou na imitação da natureza como dizia Platão na mimese, ou seja, segundo esse filósofo a “arte tem por essência a imitação do real, o artista imita por deficiência de conhecimentos” (NUNES, 2003, p. 39). Um quadro representando uma maçã, por mais perfeito que seja sempre será um quadro, nunca uma maçã real. Contudo, a maçã representada pelo artista pode projetar como ele gostaria que ela fosse.

Ao criar uma obra de arte, o artista coloca suas expressões, seus sentimentos e suas ideias do mundo, tornando-o mais familiar.

O filósofo Aristóteles chamava de poesia toda forma de arte que imitava algum aspecto da realidade, seja a poesia ou a prosa. Não era ofício de o poeta narrar o que aconteceu, mas sim representar o que poderia acontecer, isto é, o poeta narra o que é possível acontecer, e não o que aconteceu de fato. Por isso, a poesia seria mais filosófica do que a história. Nesse sentido a poesia fala mais do que é universal, enquanto a história fala mais do fato particular. Falar de modo universal é pensar ou escrever sobre uma atitude, um pensamento ou um valor humano que poderia ser de qualquer um, em qualquer tempo e espaço. (ARISTÓTELES, 1993)

Compreender a arte como uma forma de conhecimento começa com a filosofia de Aristóteles. Como já citado acima, a poesia seria até mesmo mais filosófica do que a história, pois se essa última fala de fatos particulares e específicos, dentro de um recorte temporal, a poesia e sua arte pode abranger aspectos mais universais, que falam a todos os seres humanos. Além disso, para Aristóteles, a arte em geral tem em sua origem uma tendência à imitação, especialmente entre os gregos da antiguidade, os romanos e os artistas e escritores do Renascimento. Partindo desse princípio, imitar, é sem dúvida um aspecto do desejo de conhecer.

Também existe a ideia de se pensar a beleza como simetria. Deste modo coube ao filósofo Aristóteles formular esse conceito. Para ele, a beleza é constituída pela ordem e pela simetria que, se colocadas em uma obra, seríamos capazes de notá-la com um só olhar. Essa maneira de se pensar a beleza foi muito influente durante a Antiguidade, Idade Média e também no Renascimento. Leonardo da Vinci, por exemplo, buscou esse ideal de beleza em suas obras.

A beleza também já foi pensada como o prazer que acompanha a

atividade sensível. Essa ideia, geralmente, é atribuída ao filósofo inglês David Hume (1980). Isto é, a beleza é aquilo que nos dá prazer sensível quando nos deparamos com algo⁴². Ainda dentro dessa ideia, Immanuel Kant (2000), filósofo iluminista pensava que cada um acha aquilo que lhe satisfaz sem qualquer interesse, de modo que a beleza seria tudo aquilo que nos agrada desinteressadamente.

2.1. As várias faces da arte

Certamente já nos deparamos com diversas perguntas relacionadas à importância ou sentido da arte. “O que é arte?” “Precisamos nos educar para arte?” “A arte teria alguma função específica?”

Diante dessas indagações, é inevitável pensar, principalmente no mundo atual, onde tudo deve ter alguma utilidade prática direta, qual seria a utilidade da arte. Neste caso, a obra de arte tem a função prática de despertar os sentimentos diante de uma observação artística, tendo como função de retratar a realidade. Com tudo isso, o objetivo da obra artística pode depender do significado que dão a ela. Vale lembrar que, a criatividade do artista é a parte importante desse tipo de arte, onde cada obra tem um papel e significado específico.

Jorge Coli nos lembra que

A noção de arte que hoje possuímos - leiga, enciclopédica - não teria sentido para o artesão-artista que esculpia os portais românicos ou fabricava os vitrais góticos. Nem para o escultor que realizava Apolo no mármore ou Poseidon no bronze. Nem para o pintor que decorava as grutas de Altamira ou Lascaux. (COLI, 1995, p. 64)

Ao que diz respeito à utilidade da arte, a história da filosofia nos forneceu com as seguintes ideias, a arte como educação e a arte como expressão. A arte como educação é uma ideia provinda do filósofo grego Platão. Este rejeitou as formas de artes imitativas, como a pintura e as artes plásticas, pelo fato de considerá-las criadoras de ilusões. No entanto defendeu as formas artísticas que poderiam educar as pessoas, como música. Deste modo, seria por meio da música que as pessoas poderiam chegar à cartase, isto é, a elevação da alma e a suspensão dos desejos. Durante toda Idade Média através da influência do filósofo cristão Sto. Agostinho e no Renascimento, essas ideias platônicas se mantiveram.

⁴²Investigação sobre o entendimento humano (1980)

Tais ideias relacionam-se com as fábulas, que por sua vez podem ser instrumentos de aperfeiçoamento moral. Para o pensador Hegel, é nesse sentido que a arte tem como finalidade a educação para verdade. (FEITOSA, 2004)

A arte como expressão significa que uma obra de arte seria o produto final das atitudes humanas. Ou seja, o verdadeiro valor da arte não estaria na transformação moral ou intelectual de uma pessoa, mas estaria na própria arte. Alguns poetas e pensadores chamaram isso de fazer “a arte pela arte”. Dentro desse contexto, seria preciso conhecer os diferentes tipos de manifestações artísticas, de modo que a capacidade de julgar certas obras de acordo com o estilo chama-se gosto. O importante também nessa ideia de arte é a possibilidade de se fazer inúmeras interpretações sobre a uma obra.

A filosofia pode perguntar se a arte possui uma função clara e específica. Qual o papel da arte? Seus objetivos devem ser definidos por nós? Ela deve obedecer a algum propósito? E entre outras indagações. De fato, existem algumas faces das artes que conseguimos identificar ao longo dos anos. E esses não são os únicos modos de arte, e uma obra pode pertencer a diferentes grupos. Contudo podemos perceber, no geral, que esses grupos são três. A arte utilitária, a arte naturalista e a formalista. (FEITOSA, 2009)

A arte utilitária é aquela que tem uma finalidade não artística específica. Ou seja, sua criação tem um objetivo diferente da própria arte. Por exemplo, a arte sacra presente nas igrejas tem o objetivo de proporcionar um clima de religiosidade e oração. Nesse caso, é a arte com objetivo de educar as pessoas para a religião. Na Idade Média, havia os trovadores que faziam canções sobre acontecimentos importantes e, desse modo, elas serviam para informar as notícias às pessoas daquele tempo; portanto, o objetivo dessa arte era informar. Na década de 1960, no Brasil e no mundo, havia canções de protesto, que faziam uma crítica à sociedade e alertavam as pessoas sobre as injustiças do mundo. Nesse caso, a arte tinha um objetivo político. (FEITOSA, 2009)

A arte naturalista é aquela que almeja imitar a realidade da melhor maneira possível com objetivo de nos dar a impressão de que a obra de arte é de fato real. Esse tipo de arte, então, nos oferece uma ilusão do real. Nesse tipo de arte, temos os exemplos dos quadros feitos por encomenda, principalmente durante o Renascimento. Nos dias atuais, esse tipo de arte pode ser observado na produção cinematográfica, principal-

mente nos filmes de Hollywood, em que a técnica dos efeitos especiais tenta nos passar a sensação de que naves espaciais, monstros, zumbis são reais. (FEITOSA, 2009)

Já a arte formalista é aquela que tem a preocupação principalmente com o modo pelo qual ela vai ser reproduzida. Ela tem como figura principal a criatividade do artista, de onde nasce sua originalidade. Cada obra cria e tem sua própria regra, e é por isso que esse tipo de arte é mais complexa de se compreender. Sua finalidade está nela mesma, isto é, uma obra formalista não tem um objetivo que não seja sua própria apreciação. Em outras palavras, o objetivo de uma obra formalista é expressar da forma mais criativa possível seu sentimento pelas coisas. É uma obra para ser mais sentida do que explicada. (FEITOSA, 2009)

3. A verdade na arte: conflito entre valores

O confronto da arte com a realidade, em Platão, terminou por um julgamento depreciativo. O filósofo assumiu uma posição radical, subordinando a arte aos valores morais, valores que para ele sintetizavam o equilíbrio da alma com o equilíbrio da vida social. Pintura e escultura seduzem os indivíduos pela sua falsa beleza, desviando-os da contemplação intelectual do Verdadeiro e do Bem. (...) Tudo não passa de ilusão. Do ponto de vista platônico, entretanto, essa ilusão tem a eficácia das coisas enganadoras. Cumpliciadas com a parte inferior e imaterial da beleza humana, a poesia lírica e a poesia épica podem estimular, no ouvinte, a preponderância dos impulsos e dos sentimentos irracionais. (NUNES, 2003, p. 83)

Há uma questão que rodeia o campo da ciência acadêmica; a arte é capaz de dizer a verdade? Diante desta indagação muitas das vezes mencionada em debates acadêmicos, existem duas maneiras clássicas e paradigmáticas de responde-la. Para responder a primeira delas, recorremos à filosofia platônica, cuja representação está relacionada ao gesto platônico de expulsar os artistas de sua cidade perfeita, acusados de provocarem, ainda que involuntariamente, o engano e a ilusão. No já mencionado diálogo *A República*, Platão descreve a cidade ideal como sendo uma organização baseada em necessidades e trocas. As necessidades básicas, tais como comida, roupa, habitação, etc., fazem com que sejam consideradas úteis as profissões de agricultor, alfaiate, pedreiro, etc. Uma grande cidade apresenta um complexo sistema onde todos têm um papel a cumprir e podem contar com o trabalho dos outros. (Cf. *A República*, 373c)

A comunidade perfeita é como um organismo⁴³ em que cada participante contribui para o bem-estar geral. A saúde da cidade só começa a entrar em risco quando todas as tarefas e necessidades básicas já estão sendo cumpridas e começam a surgir desejos luxuosos, desnecessários. É dentro desse contexto que surgem os artistas na cidade, poetas, músicos, dançarinos, pessoas que não desempenham nenhuma função de fato útil. (Cf. *A República*, 373c)

Ainda para o filósofo grego Platão, o surgimento da arte na sociedade está diretamente associado a uma espécie de excesso, a um tipo de sobra de energia, uma extrapolação dos limites. Os artistas são um excesso de uma cidade em que tudo funciona segundo um sistema de necessidades racionais. Esse luxo carrega ao mesmo tempo uma dupla ameaça: epistemológica e ética. Para o filósofo grego, o artista é um fabricante de imagens fantasmas que desviam os olhos do cidadão das verdadeiras ideias, que só podem ser apreensíveis pelo pensamento. Além disso, a arte estimula as paixões, os afetos e as emoções, tais como a alegria, a tristeza ou a raiva, que deixados sem controle podem conduzir em última instância à guerra e à catástrofe. A arte só deveria ser praticada por crianças, mulheres, escravos ou loucos, enfim, somente aqueles que não têm nada a perder. (Cf. *A República*, 606a)

A boa convivência em sociedade depende de certa *a-patia* (em grego “ausência de *pathos*”=*afeto, paixão, sentimento*). Por isso os artistas não são apenas luxo, mas também lixo, devendo ser expulso da cidade, para que esta possa continuar a ser uma sociedade justa e feliz. (Cf. *A República*, 606a)

Como já mencionado indiretamente a cima, a depreciação platônica da arte fundamenta-se na suposição de que a arte é sempre imitação (*mimesis*). Para Platão, a obra do artista não é apenas uma reprodução, mas algo inferior e inadequado tanto em relação aos objetos como às ideias que os pressupõem.

A expulsão dos artistas de *A República* é, em princípio, a indicação de que para Platão a arte pouco ou nada tem a ver com a verdade,

⁴³ A analogia entre a sociedade e o organismo é muito comum na nossa cultura e deriva da interpretação do corpo humano como um sistema, em que todos os órgãos estão inter-relacionados e possuem uma tarefa específica. A saúde do organismo e da cidade depende do bom funcionamento da cada parte. Quando ocorre um desequilíbrio, por excesso ou falta, faz-se necessário uma intervenção, que pode ser corretiva ou extirpativa. (Cf. FEITOSA, 2009)

mas apenas com a ilusão ou a superfície. Nada se aprende da arte, porque ela não repousa sobre nenhum conhecimento efetivo. Embora essa crítica pareça injusta, segundo Oliveira, ela tem uma justificativa política. Platão pretendia despertar o senso crítico de seus concidadãos, que consideravam a obra poética de Homero uma enorme enciclopédia, um manual de conduta para questões tanto de ordem cotidiana, como moral, administrativa ou religiosa. (OLIVEIRA, 2009)

Vale lembrar que apesar da suspeita de que a arte seja perniciosa para a cidade, Platão aceita em *A República* que as crianças sejam educadas com música, desde que ela estimule a disciplina e o controle do corpo, como as marchas e os cânticos de guerra. Em outra obra de Platão, *As Leis*, o filósofo elogia a arte egípcia por apresentar seus objetos de forma esquemática e geométrica. Ao contrário da arte grega, que imita o exterior das coisas e acaba por provocar enganos e ilusões, a arte egípcia valorizaria o que há nelas de eterno e substancial. (OLIVEIRA, 2009)

Segundo Jean Lacoste (1986, p. 13) Platão não condena as artes enquanto artes; o seu gosto conscientemente arcaizante leva-o a condenar o ilusionismo da arte revolucionária de sua época, na qual ele vê uma concepção estritamente humanista, relativista, próxima dos sofistas.

3.1. A utilidade da arte

Outra possibilidade de responder a questão acima mencionada, se a arte é capaz ou não de expressar a verdade, veio de Aristóteles, filósofo discípulo de Platão. Em sua *Poética*, Aristóteles procura justamente mostrar que a arte é verdadeira, tanto do ponto de vista epistemológico, quanto moral. Aristóteles defende a ideia de que a *mimesis* é natural ao homem: “nós contemplamos com prazer as imagens mais exatas daquelas mesmas coisas que olhamos com repugnância, como por exemplo, as representações de animais ferozes e de cadáveres”. (*Poética*, 144b)

A *mimesis* é para este pensador grego, não apenas a imitação de objetos já existentes, mas pode ser também imitação de coisas possíveis, que ainda não têm, mas que podem ou devem ter realidade. Nesse sentido aristotélico a arte não se trata apenas de reprodução, mas invenção do real. Além disso, a arte pode ter uma função idealizadora ou até mesmo caricatural. Na tragédia, a arte melhora seus modelos, apresentando-os de forma mais nobre, heroico ou virtuosa do que costumam ser. Na comédia, pode piorá-los, apresentando-os de modo mais ignorante, teimoso ou

feito do que o normal. (*Poética 1448a*)

Por fim, Aristóteles considera a arte necessária porque ele provoca um efeito benéfico denominado “*cartase*”, um termo proveniente da medicina e que significa de modo literal o processo de purgação dos elementos lesivos presentes no corpo. Através da música, do teatro e da poesia o espectador é incentivado a sentir fortes emoções, tais como o medo, a piedade ou o entusiasmo, sem cair em descontrole ou desespero. A *cartase* contribui para fortalecer o sentimento de comunidade na plateia. Para Aristóteles, a boa convivência entre os habitantes da cidade ideal não seria nunca obtida com a mera *apathia* (ausência de paixões) platônica, mas somente através de uma boa medida entre razão e afetividade. Enfim, a arte não apenas é capaz de nos trazer saber, ela tem também uma função edificante e pedagógica.

A reflexão aristotélica sobre a arte tem o mérito de responder às principais críticas levantadas por Platão. Mas, às vezes, as tentativas de salvamento implicam um preço a pagar, que pode igualmente ser prejudicial. Surge a questão se a arte tem sempre que cumprir uma função edificante, como parece sugerir Aristóteles. Da Antiguidade à Idade Moderna, as obras de arte sempre foram usadas como suporte de mensagens políticas, religiosas, ideológicas. A função primordial da arte é servir ao Estado, às leis ou à educação? A arte só é verdadeira quando atende a um fim que a transcende?

A arte do século XX não tem nenhum compromisso em imitar a realidade, em traduzir simbolicamente alguma sabedoria, nem mesmo em provocar prazer ou a satisfação. De certo modo, é nessa direção que autores contemporâneos como Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger, Maurice Merleau-Ponty e Derrida conduzem suas reflexões ao recolocar a questão estética da seguinte maneira: em que medida a arte revela outra forma de verdade, cujo conteúdo o pensamento científico não é capaz de aprender? A arte pode estar às vezes, muito mais preparada do que a ciência para captar o devir e a fluidez do mundo, pois o artista não quer manipular, mas sim “habitar” as coisas. (FEITOSA, 2009)

A estética sob o aspecto de mera “ciência da sensibilidade” chega ao seu fim no século XX e é progressivamente substituída por um discurso que conjuga racionalmente e afetividade de forma mais radical. Essa nova racionalidade é ela mesma estética, mas agora será preciso tentar

compreender *aisthesis*⁴⁴ não mais através da dicotomia tradicional entre senso e sensível, mas como uma experiência simultânea de percepção sensível e percepção de sentido. O filósofo Martin Heidegger sugere em sua obra triunfal *Ser e Tempo* (1927) que todo “sentir” já é desde sempre um sentir “entendedor”, todo ver e ouvir já são ver e ouvir “compreendentes”.

Immanuel Kant (2000), filósofo alemão antecipa a superação da dicotomia senso/sensível na arte ao sugerir que qualquer ser dotado de racionalidade seria capaz de avaliar satisfatoriamente algo como sendo bom ou útil, ou seja, como algo que corresponde à função que se espera dele. Por outro lado, qualquer ser que tenha corpo seria capaz de sentir afetos ou desejos sensíveis, e de satisfazê-los. Todavia, somente o homem, na sua medida em que é um ser que sente e que pensa simultaneamente, está preparado para apreciar o belo (Crítica do Juízo). Partindo dessa premissa, se Immanuel Kant estiver certo, então todas as igrejas, catedrais e monumentos construídos em homenagem aos deuses através dos tempos são na verdade uma afronta, já que atestam a importância divina de criar e desfrutar a beleza da arte.

Os filósofos idealistas alemães Friedrich Wilhelm Joseph Schelling, Arthur Schopenhauer, e principalmente Georg Wilhelm Friedrich Hegel, embora submetessem a filosofia da arte aos sistemas filosóficos que elaboraram, contribuíram, de maneira decisiva, depois de Immanuel Kant e Johann Christoph Friedrich von Schiller, para fazer dessa filosofia o que ela é atualmente:

Uma reflexão que tem como um dos seus fins últimos justificar a existência e o valor da arte, determinando, no conjunto das criações do espírito humano, a função que ela desempenha, ao lado da ciência, da religião, da moral e, também, fato digno de nota, ao lado da própria filosofia, cujo atual interesse pela arte não encontra paralelo em épocas passadas. (NUNES, 2003, p. 16)

Ao finalizar este trabalho, coube-nos a tentativa de apresentar os mais relevantes problemas da filosofia da arte, que ao longo dos séculos foram tema de fortes debates e discórdias. Qual a relação entre arte e realidade? Pode-se falar aqui em um conhecimento específico, alcançado só por intermédio da arte, em oposição ao conhecimento objetivo, da ciência e da filosofia? Qual o nexos existente entre atividade artística e os diferen-

⁴⁴Do grego “*aisthesis*” que significa “faculdade de sentir” ou “compreensão pelos sentidos. Uma separação entre razão e emoção, entre corpo e alma, muito reconfortante.

tes valores, principalmente os morais e os religiosos? De que maneira essa atividade se relaciona com a atividade produtiva, sob o aspecto da técnica? Quais são, finalmente, as conexões da arte com a sociedade, a história e a cultura?

Segundo Benedito Nunes (2003), algumas dessas indagações podem ser encontradas em esboços artísticos e filosóficos, já outras solucionadas de acordo com os padrões culturais da sociedade grega do século V a. C., na filosofia platônica. Contudo, somente no contexto da modernidade, depois do nascimento da estética, foi que a filosofia da arte, nas primeiras décadas do século XIX, começou a desenvolver-se em bases novas, que em grande parte ainda continua sendo nossas.

4. Considerações finais

Segundo o filósofo alemão Friedrich Von Schelling, é somente por meio da arte que poderemos ter conhecimento da realidade.

A filosofia questiona: nascemos prontos para a arte? Será preciso desenvolver nossa sensibilidade para compreendê-la e senti-la? Vale lembrar que toda criação artística acontece dentro de um contexto histórico, ela não está desvinculada dos acontecimentos que a cercam. Pelo contrário, ela é fruto e reflexo das mudanças nos valores, ao mesmo tempo em que propõem novos. Desse modo, para compreender a arte, devemos tentar compreender os fatos que a cercam, como o país, a cultura e a época em que ela é concebida. Somente com a compreensão das razões e motivações que levam a criação de uma obra de arte, podemos nos aproximar dela e, termos a chance de apreciá-la.

Há diferentes maneiras de se pensar sobre o que é a beleza ou que é o belo. No primeiro momento, segundo os pensamentos do filósofo grego Platão, a beleza seria a manifestação do bem. Para ele, o bem é o princípio de toda a realidade e sempre se manifesta de forma bela. Por isso, dizemos que a beleza é a forma visível do bem. A segunda maneira de pensar sobre a beleza é própria do Romantismo. A beleza aqui seria a manifestação da verdade. O filósofo Hegel nos lembra que a beleza é a aparição visível de uma ideia verdadeira. Isso significa dizer que a beleza e verdade são a mesma coisa, que só se distinguem porque a beleza nós podemos ver e ouvir, e a verdade nós só podemos compreendê-la quando pensamos sobre ela. Os escritores e pintores românticos trabalham com essa noção de beleza, além da ideia de originalidade, de que todo artista

deveria produzir algo que viesse direto de sua imaginação, sem mais recorrer à imitação ou a modelos da Antiguidade. Essa ideia prevalece até os dias de hoje.

Pelo fato de vivermos em uma época em que nossas atividades estão cada vez mais aceleradas, onde o volume de informações a que estamos submetidos é gigantesco e somos exigidos a gerenciar todos os dados em um piscar de olhos, promovendo conexões e rápidas decisões no mundo intitulado pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman, de líquido moderno. Deste modo, para se praticar o olhar filosófico e artístico é preciso muita paciência. Sob a forte influência das questões midiáticas do mundo contemporâneo, estamos perdendo nossa capacidade de contemplar demorada e desinteressadamente o mundo.

Tal percepção pode ser vista e analisada com mais vigor a partir da Escola de Frankfurt, ao que Theodor Wiesengrund Adorno nos mostra as implicações da relação sujeito-objeto ao passo de estabelecer a coisificação humana e a primazia do objeto. Aqui, a reificação do humano reforça a sensação de pertencimento ao mundo cultural através do consumo, obtendo deste modo ares de verdade na ideologia da práxis. (OLIVEIRA, 2014)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *Poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993.
- COLI, Jorge. *O que é arte*. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- DAVID, Hume. *Investigação sobre o entendimento humano*. Trad.: Leonel Vallandro. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- DELEUZE, Gilles. O ato da criação. *Folha de S. Paulo*, Caderno MAIS, 27/06/1999.
- FEITOSA, Charles. *Explicando a filosofia com a arte*. Rio de Janeiro: Ediouro Multimídia, 2009.
- KANT, Immanuel. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*. Campinas: Papyrus, 2000.
- LACOSTE, Jean. *A filosofia da arte*. Trad.: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- NUNES, Benedito. *Introdução a filosofia da arte*. São Paulo: Ática,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

2003.

OLIVEIRA, Keila Andrea S. *Possibilidade da experiência estética na educação da infância*. Uma proposta com leitura de imagens. Curitiba: Appris, 2014.

PLATÃO. *A república*. São Paulo: Martin Claret, 2001.